

O indivíduo na busca da própria voz... moldada pelo mercado

Luan Magalhães Antunes – Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes)

A sociedade contemporânea, cada vez mais tecnocrata, continua moldando as relações sociais sem qualquer espaço para debates. O pós-moderno, a lógica lúdica dos ecossistemas digitais e os encontros pasteurizados de culturas desenham um mundo no qual não se faz mais honesto debater o homem fora da “natural” estrutura neoliberal. Sobram alienações e sufocam-se qualquer anúncio de contradição. A sociedade segue firme em sua meta cega para ser mais doente, violenta, insustentável e apartada de direitos. A eficiência da padronização neoliberal de uma “intervenção social e econômica” (SAFATLE, 2021, p.13) tem como fortaleza o uso de “termos psicológicos e morais para falar sobre processos econômicos” (SAFATLE, 2021, p.14). Convence o homem do edifício autônomo com colunas e elevadores morais que seria a Economia. A lógica psicológica que protege e nutre o empresário livre funciona, pois a fumaça neoliberal fantasia e colore um mundo no qual as dores e as mazelas das relações sociais seguem cada vez mais forte, mas verbetes que outrora seriam respostas imediatas simplesmente desapareceram como letreiro apagado de sindicato em centro antigo da cidade.

Mais doente, mais explorada, porém avessa ao rebelar-se, ao gritar contra uma cartilha política e jamais fisiológica na causa de sua não-saúde. O neoliberalismo reina e prova para a coletividade domesticada que só há espaço para mérito ou culpa própria individual. O sofrimento vem da fraqueza daquele que banhado de liberdades não encontraria nenhum carrasco para sua própria vitimização se não a própria incapacidade. A voz que ousar questionar e enxergar culpados alheios, ela sim é sintoma de patologia (SAFATLE, 2021). Conforme em Mariutti (2019), as pessoas seguem configuradas em uma barreira comportamental para que qualquer crítica aos problemas do capitalismo possa ser levada em consideração.

Se a lógica reinante está no trabalho, no consumismo; se os mandamentos do neoliberalismo permeiam a atualização fria que as religiões demonstram quando a prosperidade não só deixa de ser algo aceitável, mas torna-se algo crucial; como o espírito do neoliberalismo molda a convicção e a percepção da sociedade de que a economia só faz sentido e pode ser explicada com verbetes emocionais? Safatle (2021) e Han (2015) refletem que a coerção hoje é um corpo interno do indivíduo. O primeiro destaca que se a “lei da valorização do capital” é um aspecto externo, assim que tal lei é assimilada e assumida pelo indivíduo, ele se cobra sucesso, “buscando “otimizar” o potencial de todos os seus atributos capazes de ser “valorizados”, tais como imaginação, motivação, autonomia, responsabilidade” (SAFATLE, 2021, p.47). Já Han destaca que “o sujeito de desempenho” não tem diante ou acima dele qualquer figura maior e externa lhe explorando, mas apenas o “senhor e soberano de si mesmo” (HAN, 2015, p.29).

Doenças, diagnósticos, sofrimentos psíquicos e distúrbios passam por releituras e novos enquadramentos científicos, retirando qualquer causa externa ou peso evidente das estruturas sociais na existência das patologias (SAFATLE, 2021). Tal releitura vem na mesma esteira do avanço do discurso neoliberal para a construção de uma sociedade de homens potentes em si, que quando falham são os únicos culpados. A individualização da culpa, do sucesso, da sobrevivência ou da utilidade máxima do próprio trabalho (ou melhor, uso do próprio capital) vem produzindo suas epidemias. Uberização, *coaching*, *influencers*, microempreendedores e colaboradores são algumas das categorias que reforçam o baile de carnaval neoliberal. Na conectada sociedade, o indivíduo só percebe ele mesmo diante da tela. Cada vez mais raras as movimentações coletivas que exijam um mínimo debate de modelo econômico ideal para Estados democráticos estabelecidos., Quando o assunto é responsabilidade, não existe opção. Neoliberalismo, responsabilidade e racionalidade são sinônimos por decisão e construção incansável do primeiro. Que se diz ainda sempre saudável.

Referências

HAN, B.-C. Sociedade do cansaço. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

MARIUTTI, E. B. Os Estados Unidos e a Ordem Internacional Contemporânea: notas. Texto para Discussão, 2019.

SAFATLE, V.; DA SILVA JUNIOR, N.; DUNKER, C. Neoliberalismo comogestão do sofrimento psíquico. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.